

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC**

Centro de Ciências Jurídicas – CCJ

Disciplina: Governo eletrônico na sociedade em rede – PPGD - Professor: Aires José Rover

Participante: Anderson Rebello Limas

**LEITURA ESTRUTURADA DE TEXTO – 16.06.2015**

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psi II, 1995. Pg. 256-266.

**Capítulo X – A árvore do conhecimento.**

A árvore do conhecimento: situação na qual Adão e Eva teriam comido do fruto do conhecimento.

Objetivos do livro, segundo o autor:

**Primeiro Objetivo:** seduzir o leitor a ver em si a natureza dos fenômenos sociais.

**Segundo Objetivo:** libertar o leitor da cegueira fundamental

**Premissas:**

- existência de pontos cegos cognitivos
- vigilância contra a tentação da certeza
- Ausência de uma estabilidade absoluta, de um ponto de partida sólido e independente de nós mesmos.
- Itinerário circular: conhecer o conhecer, conhecer gera o conhecer, conhecer é um fazer integrado. A realidade não existe independentemente de nós como observadores. O conhecimento é gerado através dessa observação de nós mesmos, da teorização de condutas etc. Figura ilustrativa do quadro “A galeria de quadros” do Pintor Escher, na qual o observador está numa galeria de quadros que, por sua vez, se transforma na cidade onde os quadros e ele próprio se encontram. Não sabemos aonde situar o ponto de partida – quem está dentro e quem está fora (p. 261).
- conhecer é um fazer integrado.
- Ética inescapável: o conhecimento do conhecimento compromete. Ao saber que sabemos, não podemos negar que sabemos. “Quando souberam que estavam nus, souberam que sabiam” (p. 262). Colocar a ética no centro, quando assumo e me responsabilizo pelas consequências dos meus atos. Ética tem a ver com amor. Ética como centro do nosso viver

(somos multidimensionais – reflexão). Obs: Moral: tem a ver com os costumes, as leis, não se preocupa com os seres humanos; ética: tem a ver com os seres humanos.

- Ausência de um ponto de referência fixo e absoluto. Como lidar? Validez? Pura relatividade? Tudo é possível? Ausência de legalidade? Essa circularidade pode gerar uma certa vertigem.

Nossa experiência possui regularidades resultantes de nossa história biossocial.

Fio da navalha, evitando-se os extremos. Objetivista (ou representacional) *versus* idealista (solipsista) => linha mediana (regularidade).

## **O AMOR**

- Retrata o ser humano como cooperador e não como um agressor.

- O gesto amoroso não precisa ser explicado. Mas no momento em que fazemos algo contrário a esse aspecto humano, temos a necessidade de justificar a razão pela qual estamos fazendo, tal qual se dá quando negamos uma esmola. Se você dá a esmola, não há razão para se justificar. Mas se você a nega, você justifica seu ato, por exemplo, explicando que aquela não seria uma conduta politicamente correta. O amor não precisa ser explicado, é inerente ao caráter humano.

- Ampliação do nosso domínio cognitivo através do encontro com o outro (igual), através da aceitação do outro. Criação de um espaço de mútuo respeito, de colaboração.

Aceitação do outro ⇔ Socialização ⇔ Humanidade

- Sem a aceitação do outro, não há fenômeno social (exceto hipocrisia, indiferença ou ativa negação).

- Só temos o mundo que criamos com o outro e só o amor nos permite criar esse mundo em comum. *“Não é saber se a bomba mata, mas o que faremos com a bomba que determinará se a usaremos ou não”*.

- O que conhecemos não desvalida o que o outro conhece, pois o conhecimento é resultado de acoplamentos estruturais diferentes. Devemos buscar a perspectiva mais abrangente em que o conhecimento do outro tenha lugar.

- CONFIANÇA – ocorre exatamente pela aceitação da legitimidade do outro, nessa disposição de estarmos juntos, numa relação de respeito. A confiança se inicia no confiar. O que se requer para confiar? R: Respeito.

### **Estrutura da Apresentação – 16.06.2015**

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psi II, 1995. Pg. 256-266.

**Primeiro Objetivo:** seduzir o leitor a ver em si a natureza dos fenômenos sociais.

**Segundo Objetivo:** libertar o leitor da cegueira fundamental

Estamos estáticos, parados.



Desconhecemos o que há embaixo dos nossos sapatos



Nicho do nosso viver – cegueira fundamental – ponto cego cognitivo – ilusão (tentação) da certeza



Comovidos pela curiosidade ou pela perturbação do ambiente ou pela dor



Damos um passo adiante



E refletimos acerca do que vemos



Neste momento, percebemos que o conhecimento do conhecimento compromete (ética inescapável)

“Quando souberam que estavam nus, souberam que sabiam”



Itinerário circular para explicar o fenômeno do conhecimento

Conhecer o conhecer, conhecer gera o conhecer, conhecer é um fazer integrado.

AMOR



O que é o amor?



O amor é característica inerente ao ser humano, à socialização, à humanidade. Está ligado à ideia de aceitação do outro como legítimo igual.



Afasta-se daquela idéia clássica de Hobbes “o homem é o lobo do próprio homem”.

O amor não precisa ser explicado. O que precisa ser explicado é o ato de desamor, que se afasta do caráter humano.



Exemplo: situação da esmola.



Vê o ser humano não mais como um agressor, mas como um colaborador, cooperador.



CONFIANÇA



Ocorre exatamente pela aceitação da legitimidade do outro, nessa disposição de estarmos juntos, numa relação de respeito. A confiança se inicia no confiar. O que se requer para confiar? R: Respeito.

### LEITURA ESTRUTURADA DE TEXTO – 23.06.2015

MATURANA, Humberto. A Democracia é uma obra de arte.

- Cultura patriarcal

- Família Patriarcal

- Maturana começa o texto alertando o leitor de que há um apanhado de elementos culturais que fazem de nossa cultura uma cultura patriarcal, na qual os sucessos históricos da humanidade são vistos como uma sucessão de guerras.

E questiona: a história da humanidade é uma história de guerras?

Para explicar melhor esse fenômeno, começa com a definição de ser humano: O que define o ser humano? A definição se dará em sua linguagem, na palavra.

A linguagem nos permite => conhecer-nos.

A palavra nos permite => viver em nosso linguajar.

A linguagem é um modo de viver em coordenação de condutas coordenando condutas (coordenação de coordenação conductual).

Linguajar tem a ver com um “fazer”.

Linguagem está entrelaçado com o emocional (coordenação conductuais de emoções).

Todo o viver humano encontra-se em uma rede de conversações.

	Condutas	
Que devemos fazer	↔	Que devemos evitar
	Geram emoção	

Emoção fundamental é o AMOR. O que é o AMOR?

- é a emoção mais simples, aonde outro surge como outro legítimo, em condições seguras.
- não é uma virtude.
- não necessita ser explicado, justificado.
- Dinâmica relacional, Biologia do amor:

AMOR *versus* GUERRA

- Origem da nossa cultura
- Origem da nossa democracia

Somos descendentes de uma cultura ocidental, que remonta à sociedade grega, que pertence a uma cultura particular: a patriarcal.

Encontro entre culturas:

Cultura Patriarcal *versus* Cultura Matrística:

Cultura patriarcal	Cultura matrística
Pai	Mãe
Vida adulta	Vida no seio da família
Há guerra	Não há guerra
Há hierarquia	Não há hierarquia

Conflito entre o patriarcal e o matrístico: o patriarcal englobou o matrístico.

Na Grécia Antiga, na polis ou cidade estado, surge a noção de coisa pública, que, por sua vez, surge da conversa sobre os temas da comunidade, temas do interesse de todos os cidadãos.

Na cultura patriarcal, os temas da família são propriedade do patriarca. Exemplo ilustrativo: Luiz XIV: “o Estado sou eu”.

Com o fim da monarquia, é instaurada a coisa pública e se vive a democracia.

A democracia não está ligada à *rotação do poder*, nem na *eleição de representantes*. Os sistemas eleitorais são *artifícios para apropriação das responsabilidades*.

Democracia tem a ver com acesso de todos à coisa pública.

Na relação maternal, aprendemos que é o emocional que é próprio da democracia. A emoção na qual se faz algo. Não é o que “um representante eleito” faz que produz emoção, mas a emoção com a qual se faz.

Por isso, o senso de democracia se aprende na infância, se desencadeia durante a infância.

“O viver democrático é uma obra de arte. Não tem a ver com eficiência, nem perfeição, tem a ver com o desejo de uma convivência fraterna”.

O que faz o humano um humano é o seu “modo de vida”.

Com a apropriação surge a exclusão.